

# **Critica anarquista do capitalismo em Kropotkin**

Jon Bekken

02 de julho de 2018

# Conteúdo

Introdução	3
Doutrina Econômica	5
O capitalismo não é produtivo	8
Escravidão Salarial	11
Produção é social	14
Propriedade Privada é Absurdo	17
Produção para Necessidades	19

# Introdução

Piotr Kropotkin dedicou grande parte de seus prolíficos escritos anarquistas a dois temas relacionados: examinar o funcionamento real das economias capitalistas e desenvolver as linhas gerais de uma sociedade anarquista-comunista. Kropotkin não estava satisfeito em apenas afirmar que uma sociedade livre era possível, ele procurou mostrar como tal sociedade poderia ser construída a partir dos materiais disponíveis – percebendo que um movimento revolucionário que deixasse de considerar os problemas de produção e distribuição entraria rapidamente em colapso. Esta parcela descreve a crítica de Kropotkin da economia política capitalista; a próxima edição se voltará para seu programa econômico positivo. Essa distinção, no entanto, é um pouco arbitrária, pois Kropotkin sempre preferiu ilustrar o que poderia ser apontando para o que já era.

# Doutrina Econômica

Para Kropotkin, o propósito da economia política era estudar as necessidades da sociedade e os meios disponíveis (atualmente em uso ou que poderiam ser desenvolvidos com o conhecimento atual) para alcançá-los.

*Deveria tentar analisar até que ponto os meios presentes são convenientes e satisfatórios ... [e] deve preocupar-se com a descoberta de meios para a satisfação dessas necessidades com o menor desperdício possível de trabalho e com o maior benefício para a humanidade em geral<sup>1</sup>.*

Foi essa tarefa que Kropotkin assumiu.

Em vez de se envolver na teorização abstrata que dominava, então como agora, o campo, ele realizou estudos detalhados das técnicas agrícolas e industriais práticas em seu dia (se eles estavam em uso geral ou não) e sua capacidade de atender às necessidades humanas.

Ao contrário da maioria dos economistas, Kropotkin insistiu em submeter as teorias econômicas à mesma investigação rigorosa que aplicaria a qualquer teoria “científica”:

*Quando certos economistas nos dizem que “em um mercado perfeitamente livre, o preço das mercadorias é medido pela quantidade de trabalho socialmente necessária para sua produção”, não aceitamos essa afirmação sobre a fé ... Nós não apenas achamos a maioria dessas chamadas leis grosseiramente errôneas, mas também sustentamos que aqueles que nelas acreditam se convencerão de seu erro assim que perceberem a necessidade de verificarem ... por investigação quantitativa.*

Embora certamente houvesse uma relação entre o preço das mercadorias e a quantidade de mão-de-obra necessária para sua produção, Kropotkin argumentou, eles não eram de forma proporcional um ao outro (como a Teoria do Valor do Trabalho implicaria). Os economistas socialistas também não se preocuparam em investigar se a teoria era verdadeira ou não reunindo dados para testar a alegada relação. Qualquer um que se desse ao trabalho de se envolver em tal investigação aprenderia rapidamente que a teoria era falsa. Precisamos apenas considerar o preço do petróleo ou do ouro para perceber que esses preços são estabelecidos não pela quantidade de força de trabalho necessária para extraí-los e processá-los, mas pelo mercado externo e pelas condições sociais. A maioria das chamadas leis econômicas, concluiu Kropotkin, eram meras suposições. E embora os economistas socialistas “critiquem algumas dessas deduções ... ainda não foi original o suficiente para encontrar um caminho próprio”<sup>2</sup>.

Assim, quando Marx argumentou contra Proudhon que todos os produtos eram trocados por (ou, pelo menos, flutuavam em torno de) seu valor de trabalho, ele estava implicitamente defendendo o que tem sido chamado de Lei dos Salários de Ferro (embora Marx tenha se refutado mais tarde ao admitir que a atividade sindical poderia diminuir o nível de exploração). O Partido Socialista da Grã-Bretanha e tendências similares estão totalmente corretos quando sustentam que uma análise marxista, exige que todas as mercadorias – incluindo a força de trabalho – sejam valorizadas sob o capitalismo ao custo de sua reprodução, o que, por sua vez, é determinado pelos métodos disponíveis mais produtivos. (Assim, uma camisa que leva 60 minutos para fazer à mão ou cinco minutos para fazer por máquina vende pelo mesmo preço no mercado mundial).

Há, é claro, um elemento de verdade nisso – e é por isso que a teoria foi amplamente aceita pelo movimento trabalhista. Mas, como veremos, isso equivoca uma associação para um relacionamento causal. A teoria do trabalho sobre commodities indicaria que apenas aumentando a produtividade os trabalhadores podem possibilitar um melhor padrão de vida, e somente através da revolução socialista essas possíveis melhorias podem ser realmente realizadas. (Caso contrário, os benefícios apenas se acumulam para os capitalistas e seus subordinados).

Esta doutrina leva inevitavelmente à conclusão de que as lutas salariais são essencialmente um desperdício de tempo e energia (embora os trabalhadores, através de centenas de anos de luta, tenham provado o contrário), e que a única alternativa para competir uns contra os outros em uma imensidão

---

<sup>1</sup> “Ciência moderna e anarquismo”, p. 180. In: R. Baldwin (ed.), *Panfletos Revolucionários de Kropotkin* (Dover, 1970).

<sup>2</sup> “Ciência moderna e anarquismo”, pp. 177–79.

cada vez maior é uma economia planejada, administrada pelo Estado, que pode determinar os valores do trabalho e assegurar sua distribuição equitativa. Mas essa doutrina é totalmente falsa. Eu vou, abaixo, à prova de Kropotkin de que os níveis salariais não têm nada a ver com o custo da reprodução. Mas o ponto essencial é que os níveis salariais, como o preço de todas as mercadorias, são determinados não pelo custo de produção ou pela quantidade de trabalho de que necessitam, mas pelo relativo poder econômico, militar e social das respectivas partes. Monopólios, cartéis, clubes policiais, prisões, organizações trabalhistas, associações cooperativas – essas e outras relações de poder distorcem o “valor” relativo das mercadorias, ou pelo menos do preço que pode ser obtido por elas. (E realmente importa muito pouco se um melão tem um valor teórico, derivado do trabalho, de 25 centavos, se todas as lojas cobrarem um dólar).

**O capitalismo não é produtivo**

Como a maioria dos socialistas, Kropotkin assumiu inicialmente que uma abundância de bens estava sendo produzida – e, portanto, o principal problema enfrentado pelos socialistas era organizar sua distribuição. Mas quando Malatesta sugeriu que isso não poderia ser verdade, Kropotkin investigou o assunto e descobriu que (citando Malatesta):

*Essa acumulação de produtos não poderia existir, porque os padrões normalmente só permitem a produção do que podem vender com lucro ... Alguns países foram continuamente ameaçados pela escassez.*

De fato, havia apenas comida suficiente na maioria das grandes cidades para sustentar a população por alguns dias. No entanto, após uma investigação mais aprofundada, Kropotkin estabeleceu que a escassez, crises econômicas e angústia geral, endêmicas à sua idade (e que continuam até hoje) não resultaram, como se acreditava amplamente, de superpopulação, solo pobre ou outras causas materiais. Pelo contrário, eles resultaram de uma falha em utilizar os meios já disponíveis para atender às necessidades da sociedade<sup>3</sup>.

Kropotkin apresentou suas descobertas em *Fields, Factories and Workshops* – um clássico anarquista que provou que as pessoas que usavam as tecnologias existentes poderiam atender a todas as suas necessidades com apenas alguns meses de trabalho por ano. O espaço impede qualquer coisa além do resumo mais breve de um volume com o qual todo anarquista deveria ter se familiarizado há muito tempo.

Ele demonstrou que os meios técnicos então existiam para produzir alimentos abundantes e saudáveis com relativamente pouco esforço ou despesa (uma visão bastante distinta das fazendas industriais de hoje – cujos precursores já existiam, mas que, observou ele, destruíram o solo para as gerações vindouras, bem como deslocaram pessoas que, de outra forma, poderiam obter uma vida confortável na terra). Ao contrário de muitos economistas, Kropotkin defendeu a descentralização da agricultura e da indústria, notando que os imensos estabelecimentos industriais eram menos comuns do que geralmente se acreditava e estabeleciam menos para realizar economias de escala em grande parte duvidosas do que para facilitar o controle gerencial. A doutrina da especialização nacional ou vantagem competitiva ± entrando em destaque, e que desde então tem sido usado como uma desculpa para violentar as economias do “terceiro mundo” – demonstrou ser prejudicial aos interesses da população. (Como é bem conhecido dos camponeses obrigados a cultivar grãos de café e cana-de-açúcar em terra que poderiam alimentar suas famílias). Se as influências debilitantes do controle capitalista e da ignorância pudessem terminar, a abundância para todos estava bem ao alcance.

*Tudo isto foi provado ... apesar dos inúmeros obstáculos sempre jogados no caminho de toda mente inovadora ... Por milhares de anos ... cultivar a própria comida era o fardo, quase a maldição, ou a humanidade. Mas não precisa mais ... Crescer a comida anual de uma família, sob condições racionais de cultura, requer tão pouco trabalho que quase poderia ser feito como uma mera mudança de outras atividades ... E novamente, você ficará surpreso em ver com que facilidade e em quanto tempo suas necessidades de vestuário e de milhares de artigos de luxo podem ser satisfeitas, quando a produção é realizada para satisfazer as necessidades reais e não para satisfazer os acionistas ...<sup>4</sup>*

E ainda assim, em toda parte os trabalhadores viviam na miséria. Ao contrário dos ensinamentos de todas as escolas econômicas, Kropotkin argumentou que a superprodução estava longe de ser um problema:

---

<sup>3</sup> Errico Malatesta, “Piotr Kropotkin – Recordações e Críticas”. In: V. Richards (ed.), *Malatesta: Life & Ideas*. Freedom Press, 1977, p. 266. Malatesta continuou argumentando que a visão revisada de Kropotkin também era altamente otimista em sua avaliação do que poderia ser realizado. A história, no entanto, confirmou que a agricultura pode, de fato, produzir rendimentos muito maiores do que se acreditava na época – rendimentos que de fato excedem aqueles discutidos por Kropotkin.

<sup>4</sup> *Fields, Factories and Workshops Tomorrow* edited by Colin Ward. Freedom Press, 1985, pp 194–97. (Esta é uma versão abreviada e comentada da segunda edição de Kropotkin, eliminando capítulos inteiros de dados estatísticos eclipsados nos 91 anos desde que este trabalho foi publicado pela primeira vez).

*Longe de produzir mais do que o necessário para assegurar riquezas materiais, não produzimos o suficiente ... Se certos economistas têm prazer em escrever tratados sobre superprodução, e explicando cada crise industrial por essa causa, eles ficariam muito perdidos se fossem chamados para nomear um único artigo produzido pela França em maior quantidade do que o necessário para satisfazer as necessidades de toda a população ... O que os economistas chamam de superprodução é apenas uma produção que está acima do poder de compra do trabalhador, que é reduzido à pobreza pelo capital e pelo Estado ...*<sup>5</sup>

Somente os exploradores, concluiu ele, estavam em abundância. Hoje, 94 anos depois, pode haver superprodução de alguns bens (armas nucleares, produtos químicos tóxicos e produtos que devem ser quase que imediatamente substituídos), – Mas é tão obsceno hoje falar, por exemplo, de uma crise de superprodução na agricultura, quando milhões de pessoas passam fome imediata.

Assim, em vez de celebrar o desenvolvimento do capitalismo da capacidade produtiva da sociedade, como fazem os marxistas, Kropotkin demonstrou que o capitalismo resultou em subprodução e privação crônicas. Os capitalistas não apenas distribuem equitativamente os frutos de nossa produção, como todo o desenvolvimento da tecnologia é distorcido por seus cálculos de lucro de curto prazo. Os empregadores que enfrentam a possibilidade de novas tecnologias poupadoras de mão-de-obra, por exemplo, muitas vezes movem-se para reduzir os custos trabalhistas em vez de investir no desenvolvimento dos meios de produção (seu papel histórico, segundo Marx). A Revolução Social, então, não apenas expropriaria os meios de produção desenvolvidos pelos capitalistas – seria forçada a desenvolver rapidamente esses meios a fim de atender até mesmo às necessidades sociais mais básicas.

Felizmente, os meios para fazê-lo existem há muito tempo e os trabalhadores são mais do que capazes de enfrentar o desafio.

---

<sup>5</sup> “Anarquismo: sua filosofia e ideal”, pp. 126–27. Em: Baldwin

# **Escravidão Salarial**

Como todos os socialistas, Kropotkin reconheceu a verdade evidente de que os trabalhadores trabalham para a classe empregadora porque são forçados a – sem seus salários semanais, salários eles e suas famílias devem morrer de fome.

*De onde vem a fortuna dos ricos [?] Um pouco de pensamento seria suficiente para mostrar que essas fortunas têm seus inícios na pobreza dos pobres. Quando não houver mais nenhum indigente, não haverá mais riquezas para explorá-los ...<sup>6</sup>*

Se as pessoas tivessem os meios para se sustentar – se fossem capazes de satisfazer suas necessidades diárias sem contratar seu trabalho – ninguém consentiria em trabalhar por salários que devem ser inevitavelmente (se o capitalista quiser obter algum lucro) uma mera fração o valor dos bens que eles produzem. Mesmo um artesão independente, a aristocracia trabalhista dos dias de Kropotkin, não poderia esperar fazer melhor do que sustentar sua família e montar uma ninharia (quase certamente inadequada) para sua velhice, caso ele confiasse em seu próprio esforço e diligência:

*Seguramente isto não é como grandes fortunas são feitas. Mas suponha que o nosso sapateiro ... pegue um aprendiz, filho de algum pobre infeliz que se achará sortudo se em cinco anos seu filho tiver aprendido o ofício e for capaz de ganhar a vida ...*

*Enquanto isso, nosso sapateiro não perde por ele; e se o comércio é rápido ele logo leva um segundo, e depois um terceiro ... Se ele é forte o suficiente e significa o suficiente, seus artifícios e aprendizes o trarão quase um quilo por dia, além do produto de sua própria labuta ... Ele gradualmente se tornará rico ... Isso é o que as pessoas chamam de “ser econômico e ter hábitos moderados frugais”.*

*No fundo, nada mais é do que moer a cara dos pobres<sup>7</sup>.*

Hoje, com certeza, os trabalhadores conseguiram, após cem anos, melhorar sua condição – e o sistema de aprendizes, já em declínio no tempo de Kropotkin, praticamente desapareceu. Mas salvar os ganhos não é mais o caminho para a riqueza real do que nunca – na melhor das hipóteses, os trabalhadores podem esperar comprar uma casa, dar um tempo do trabalho odiado, e colocar um pouco de dinheiro para a aposentadoria ou tempos difíceis. Tornar-se rico, em termos econômicos, requer exploração – seja diretamente, do trabalho dos trabalhadores ou indiretamente, explorando a necessidade dos trabalhadores pelas necessidades da vida.

Sob o capitalismo, “quanto mais um homem trabalha, menos ele é pago”. Mas a solução para essa injustiça manifesta não poderia ser encontrada na reversão dessa equação – no pagamento de acordo com o serviço que cada um presta à sociedade. Quem determinaria o valor do serviço de outro?

*Nós sabemos que resposta receberemos ... Os economistas burgueses – e Marx também – serão citados ... para provar que a escala dos salários tem sua razão de ser, já que a “força de trabalho” do engenheiro terá custado mais à sociedade do que a “força de trabalho” do trabalhador ...*

*[Mas] o empregador que paga o engenheiro vinte vezes mais do que o trabalhador faz o seguinte cálculo simples: se o engenheiro puder economizar cem mil francos por ano em seus custos de produção, ele pagará ao engenheiro vinte mil. E quando ele vê um capataz, capaz de conduzir os trabalhadores e economizar dez mil francos em salários, ele não perde tempo em oferecer-lhe dois ou três mil ... Ele parte com mil francos, onde conta com dez mil, e isso, em essência, é o sistema capitalista.*

*Então, não deixe ninguém vir com esta conversa sobre os custos de produção da força de trabalho, e diga-nos que um estudante que tenha alegremente passado sua juventude em uma*

---

<sup>6</sup> “Expropriação”, p. 162. In: M. Miller (ed, Selected Escritos sobre Anarquismo e Revolução. (MIT Press, 1970).

<sup>7</sup> *ibid.* p. 166.

*universidade tem um “direito” a um salário dez vezes maior que o do filho de um mineiro que está desperdiçando uma mina aos onze anos*<sup>8</sup>.

Os diferenciais salariais, seja no capitalismo ou em alguma sociedade “socialista” futura, devem ser condenados como injustos. Também não é possível determinar um “salário justo” baseado na contribuição de um indivíduo (mesmo que tal sistema possa ser tolerado por razões éticas, o que não é possível)<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> “The Wage System”, págs. 101, 99. In: V. Richards (ed.), *Why Work? Argumentos para a Sociedade de Lazer*. (Freedom Press, 1983)

<sup>9</sup> Muitos marxistas, e até mesmo alguns que se consideram anarco-sindicalistas, continuam a defender a manutenção do sistema salarial com tal disfarce. Seus argumentos serão apresentados e refutados na próxima edição.

**Produção é social**

A produção não é realizada por indivíduos isolados, cuja contribuição econômica pode ser isolada da dos outros trabalhadores para que seu valor possa ser determinado. Para ilustrar isso, Kropotkin voltou-se para a mineração de carvão. (Naquela época, os mineiros trabalhavam individualmente ou em gangues na cara de carvão, e recebiam uma taxa por peça. Nas minas de carvão de hoje, é claro, a questão da produção individual nunca surgiria).

*Um homem controla o elevador, continuamente apressando a gaiola de nível em nível para que homens e carvão possam ser movidos. Se ele relaxar sua concentração por um instante, o aparato será destruído, muitos homens serão mortos e o trabalho será paralisado. Se ele perder apenas três segundos a cada movimento da alavanca, a produção será reduzida em 20 toneladas por dia ou mais.*

*Bem, é ele quem presta o maior serviço na mina? Ou talvez seja aquele menino que de baixo lhe indica quando é hora de levantar a gaiola para a superfície? Em vez disso, é o mineiro que está arriscando sua vida a cada momento do dia ... Ou, novamente, é o engenheiro que sentiria falta da junta de carvão e faria com que os mineiros cavassem pedra se cometesse o menor erro em seus cálculos? ...*

*Todos os trabalhadores envolvidos na mina contribuem dentro dos limites de seus poderes, seus conhecimentos ... e sua habilidade para minerar carvão. E tudo o que podemos dizer é que todos têm o direito de viver, satisfazer suas necessidades e até mesmo suas fantasias, uma vez satisfeitas as necessidades mais prementes de todos. Mas como se pode estimar seus trabalhos?<sup>10</sup>*

Obviamente, você não pode – ninguém, a não ser um marxista, tentaria tal absurdo. E, no entanto, ainda não identificamos todos que contribuem para a produção desse carvão.

Qual dos trabalhadores da construção civil que construíram as ferrovias para a cabeça do poço, sem o qual o carvão seria inútil. E quanto aos fazendeiros, que levantam a comida que os mineiros de carvão comem? E daqueles que constroem as máquinas que queimarão o carvão – sem o qual o carvão é apenas uma sujeira inútil.

Houve um tempo, Kropotkin admite, quando uma família poderia sustentar-se por atividades agrícolas, suplementadas com alguns negócios domésticos, e considerar o dinheiro que eles criaram e o tecido que eles teciam como produtos de seu próprio trabalho, e de ninguém mais.

Mesmo assim, essa visão não estava correta:

*Havia florestas desmatadas e estradas construídas por esforços comuns ... Mas agora, no estado extremamente entrelaçado da indústria, do qual cada ramo apoia todos os outros, essa visão individualista não pode mais ser sustentada.*

*Se o comércio de ferro e a indústria algodoeira deste país atingiram um grau tão elevado de desenvolvimento, o fizeram devido ao crescimento paralelo de milhares de outras indústrias, grandes e pequenas; à extensão do sistema ferroviário; para um aumento do conhecimento ... e, acima de tudo, ao comércio mundial que cresceu sozinho ...*

*Os italianos que morreram de cólera na escavação do Canal de Suez ... tem contribuído tanto para o enriquecimento deste país como a menina britânica que está amadurecendo prematuramente em servir uma máquina em Manchester ... Como podemos fingir estimar a parte exata de cada um deles nas riquezas acumuladas ao nosso redor?<sup>11</sup>*

E se não há produção individual, então como a propriedade privada do proprietário pode ser justificada? Assim como é impossível argumentar que alguém criou um pedaço de carvão ou um pedaço de pano, é impossível justificar a propriedade privada de edifícios ou terras. As casas, afinal de contas, não

<sup>10</sup> “O sistema de salários”, pp. 103–04. Ênfase no original.

<sup>11</sup> “Comunismo Anarquista: Suas Bases e Princípios”, p. 57. Em: Baldwin.

são construídas pelos seus proprietários. Sua construção é um empreendimento cooperativo que envolve inúmeros trabalhadores na área florestal, estaleiros de madeira, olarias, etc.

Além disso – e é aqui que a enormidade de todo o processo se torna mais óbvia – a casa deve seu valor real ao lucro que o proprietário pode obter com isso.

*Agora, esse lucro resulta do fato de que sua casa é construída em uma cidade ... que o trabalho de vinte ou trinta gerações foi para tornar habitável, saudável e belo<sup>12</sup>.*

Como o chão em que estão, os edifícios são uma herança comum.

*Por exemplo, pegue a cidade de Paris – uma criação de tantos séculos, um produto do gênio de toda uma nação ... Como se poderia manter para um habitante daquela cidade que trabalha todos os dias para embelezá-lo, para purificá-lo, para alimentá-lo, para torná-lo um centro de pensamento e arte – como se pode afirmar diante de quem produz essa riqueza que os palácios que adornam as ruas de Paris pertencem, em toda justiça, àqueles que são os donos legais hoje? ... É pela espoliação que eles possuem essas riquezas!<sup>13</sup>*

O fato de isso continuar assim pode ser visto examinando o valor dos prédios de escritórios e complexos comerciais atuais. Sem as menores melhorias, seu valor aumenta enquanto a economia local prospera. Mas nenhuma soma de dinheiro investido em manutenção ou embelezamento é suficiente para manter seu valor quando a economia local falha. Por seu valor não é derivado do dinheiro investido, ou dos tijolos e argamassa (e plástico, aço e cimento) de que são construídos. Nem mesmo o trabalho dos trabalhadores que constroem e mantêm esses templos modernos para o capital determina seu valor. Seu valor, em última análise, depende quase inteiramente da riqueza e prosperidade da sociedade maior. O hotel mais luxuoso construído em uma cidade agonizante em breve desaparecerá com seus arredores, enquanto o casebre mais importante aumenta em valor à medida que as propriedades vizinhas são desenvolvidas.

Nós nos enriquecemos – não apenas espiritualmente, mas também materialmente – enquanto trabalhamos, contemplamos e brincamos juntos; e sem os esforços da sociedade como um todo, ninguém prospera.

---

<sup>12</sup> “Expropriação”, p. 197. Em: Miller.

<sup>13</sup> “Anarquismo: sua filosofia e ideal”, p. 125

**Propriedade Privada é Absurdo**

A propriedade privada, então, não é apenas injusta – é absurda. Já em 1873, quando ele estava apenas começando a se tornar ativo nos círculos revolucionários, Kropotkin reconheceu que a verdadeira igualdade era impossível sob o capitalismo.

*É desejável que uma pessoa começando a trabalhar não se escravize, não ceda parte de seu trabalho, sua força, sua independência ... Para os indivíduos privados cuja arbitrariedade sempre determinará o quão grande essa parte deve ser, então é necessário que as pessoas privadas não controlem os instrumentos de trabalho ... nem a ... terra ... nem os meios de existência durante o trabalho ... Assim chegamos à eliminação, naquela sociedade futura cuja realização desejamos, de qualquer propriedade pessoal ...<sup>14</sup>*

Toda propriedade, não importa como foi criada, deve se tornar propriedade de todos, disponível a todos que contribuem para a sociedade através de seu trabalho. Isso foi, e permanece, necessário não apenas por razões de justiça social, mas porque toda produção é necessariamente social.

---

<sup>14</sup> “Devemos nos ocupar com um exame do ideal de um sistema futuro?” P. 50. Em: Miller.

# Produção para Necessidades

Kropotkin recusou-se a separar sua análise do que era do que poderia ser. Ele insistiu em perguntar não apenas se a atual ordem econômica funcionava em seus próprios termos, mas se:

*Os meios agora em uso para satisfazer as necessidades humanas, sob o atual sistema de ... produção para lucros, [foi] realmente econômico?*

*Eles realmente levam à economia no gasto de forças humanas? Ou não são meros sobreviventes inúteis de um passado mergulhado na escuridão, na ignorância e na opressão, e nunca levaram em consideração o valor econômico e social do ser humano?*<sup>15</sup>

O “valor econômico e social do ser humano”, para Kropotkin, era a chave para a economia anarquista – para a construção de uma sociedade livre. Vou me voltar para essa questão na próxima edição.

---

<sup>15</sup> *Fields, Factories and Workshops*, p. 193.

Biblioteca Anarquista



Jon Bekken

Critica anarquista do capitalismo em Kropotkin

02 de julho de 2018

[syndicalist.us](http://syndicalist.us)

Titulo Original: *Kropotkin's Anarchist Critique of Capitalism*. Tradução e Revisão por André Tunes

**@Consciência Subversiva**

Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu conteúdo e o nome do autor.

**[bibliotecaanarquista.org](http://bibliotecaanarquista.org)**